



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**GINÁSTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TRILHANDO POSSIBILIDADES
PARA A INCLUSÃO**

Ludmila Lima Peterle¹
Matheus Marin de Freitas¹
Raffaella Laurindo Cândido¹
Zelinda Orlandi Siquara¹
Prof. Dr. Jose Francisco Chicon²

RESUMO

Trata de um relato de experiência do projeto “Brincando e aprendendo com a ginástica” do LAEFA/CEFD/UFES que trabalha com a perspectiva da inclusão entre crianças com e sem deficiência. Objetiva apresentar as possibilidades de inclusão que foram criadas nas intervenções e destaca como foram significativas para que as crianças deficientes se sentissem participantes do grupo. Ao concluir, evidenciamos as contribuições proporcionadas pela ginástica geral devido suas particularidades que proporcionam um maior envolvimento entre as crianças nas vivências corporais, e refletimos sobre a importância da experiência para a formação inicial de professores.

Palavras chave: Ginástica. Educação Infantil. Inclusão

INTRODUÇÃO

Iniciado em março de 2011, o projeto “Brincando e aprendendo com a ginástica” vem se configurando como um espaço de intervenção pedagógica, formação profissional e de pesquisa no atendimento de crianças com deficiência³, oriundas da comunidade e de instituições filantrópicas, juntamente com as crianças do Grupo 5 (de cinco anos) do Centro de Educação Infantil da UFES (CRIARTE). A experiência aqui relatada se concretizou no período de março a junho de 2012, totalizando 12 aulas. O grupo de trabalho se configurou com quatro bolsistas do laboratório, constituindo estes o grupo gestor, incumbidos de ministrar as aulas, sistematizar os planos de aula e diários de campo. Para a intervenção ainda havia a presença do grupo de apoio, com cerca de quatro bolsistas e mais uma professora de Educação Física como voluntária.

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsistas do Laboratório de Educação Física Adaptada – LAEFA.

² Professor vinculado ao Departamento de Ginástica do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenador do LAEFA.

³ Os nomes apresentados são fictícios, a fim de resguardar a identidade das crianças. Contamos também com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, lido e assinados pelos pais e/ou responsáveis autorizando a divulgação de informações e/ou imagens das crianças.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

As aulas foram realizadas na sala de ginástica artística do Centro de Educação Física e Desportos/UFES, sendo um encontro semanal todas as terças-feiras das 14h às 15 horas. Logo após as aulas, das 15 às 17h30min, a equipe de trabalho se reunia para avaliação, planejamento e grupo de estudo. Participaram do projeto 26 crianças — 19 alunos da CRIARTE com desenvolvimento típico, sendo uma criança diagnosticada com a síndrome de Prader Willi, cinco crianças com autismo⁴, uma sem diagnóstico, mas com déficit na linguagem oral e no aprendizado, uma criança com deficiências múltiplas (paralisia cerebral, sem fala e apresenta limitados movimentos corporais), oriundas da comunidade de Vitória-ES.

Na proposta pedagógica elegemos como conteúdo a ginástica geral, abrangendo a ginástica natural, artística e rítmica (nesta ordem). Para algumas crianças com autismo que ainda não conseguiam participar junto com o grupo foi organizado um plano de ensino individualizado, visando atender suas peculiaridades, trabalhando o mesmo conteúdo, no mesmo espaço-tempo, tendo como um dos objetivos sua inclusão no grupo.

O CONTEÚDO GINÁSTICA E O CONCEITO DE INCLUSÃO

A criança deve ser considerada como sujeito da prática e não apenas um objeto de atuação da prática, por isso o conteúdo deve ser pensado com bastante cuidado a fim de considerar os diferentes sujeitos, de diferentes culturas que trazem conhecimentos acerca de suas realidades. É nessa perspectiva que buscamos desenvolver as atividades para crianças com ou sem deficiência, no intuito de estimulá-las a refletir sobre as diferenças, participar de forma colaborativa e experimentar de forma lúdica o se movimentar com e sem aparelhos, aprendendo novas possibilidades de expressão corporal.

A escolha pela Ginástica Geral justifica-se por ser uma modalidade flexível: sem fins competitivos, padrões corporais estabelecidos, em que ambos os sexos participam juntos, abrangendo também distintas faixas etárias, onde se privilegia o divertimento, prazer e a simplicidades dos movimentos (AYOUB, 2003, apud MARCASSA, 2004, p. 178).

É nesse sentido que, para Ayoub (2003, apud MARCASSA, 2004, p. 178), na Ginástica Geral o

[...] seu principal alvo é o sujeito que a pratica e a meta é a integração entre as pessoas e grupos, desenvolvendo a criatividade e o interesse pela ginástica; a liberdade de expressão, a criação e o componente lúdico são elementos marcantes desta prática; ela é ampla, diversificada e não têm regras rígidas preestabelecidas, o que implica em respeito aos limites e possibilidades de cada um.

⁴ Desordem comportamental de causas múltiplas, caracterizado por déficit na comunicação, interação social e restrição de interesses (RIVIERE, 2004).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Assim desenvolvemos a ginástica geral com o grupo de alunos, desmembrando o conteúdo nesse semestre de forma a proporcionar maior envolvimento, como a ginástica natural que proporciona movimentos de animais e estendemos os movimentos à imitação de personagens infantis, bem presentes no universo infantil em geral; bem como, a ginástica artística e rítmica, de forma a ampliar a experiência sobre a cultura corporal de movimento deles a partir de experimentações de movimentos com e sem aparelhos.

No contexto de uma prática flexível como a ginástica geral na qual não há padrões corporais pré-estabelecidos e diversas faixas etárias participam juntas, cabe ressaltar sobre a importância de enfatizar a diversidade do público atendido e nesse caso, valorizar a questão da inclusão.

A inclusão social é caracterizada como um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir pessoas com deficiência, fazendo com que tanto as pessoas, ainda excluídas, quanto a sociedade busquem formas de, “[...] equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos” (SASSAKI, 2006, p.40).

Dessa forma, nossa ação pedagógica foi voltada para proporcionar um trabalho inclusivo em que a diversidade/diferença presente em cada um dos participantes fosse respeitada, mediada pelos bolsistas/estagiários e manifestada com liberdade, a partir das possibilidades e limitações.

A EXPERIÊNCIA EM FOCO: AS POSSIBILIDADES CRIADAS DURANTE AS INTERVENÇÕES

Nesta parte do trabalho apresentaremos situações ocorridas durante o período de intervenção que evidenciam os momentos de inclusão, sendo as informações extraídas dos diários de campo. As aulas foram contextualizadas de forma lúdica, inicialmente, partindo de aquecimento e alongamento “brincado”, movimentos da ginástica a serem apreendidos e o momento de volta à calma.

Os fundamentos da ginástica foram abordados de forma que as crianças se apropriassem dos conhecimentos, por diferentes vivências, a fim de conhecer os movimentos e aparelhos, explorando o ambiente ao máximo. Valorizamos a relação dialógica entre os alunos, pais e professores, buscando identificar os interesses, possibilidades e expectativas dos participantes em relação às atividades desenvolvidas.

As aulas iniciavam com uma roda de conversa (ritos de entrada), resgatando as situações da aula anterior, organizando as atividades a serem vivenciadas e relembávamos os combinados a serem cumpridos durante as vivências (em relação à segurança, a comportamentos, etc.). Encerrávamos com uma roda de conversa (ritos de saída) a fim de captar quais elementos foram significativos para as crianças, dando voz às mesmas no grupo (CHICON, 2004, 2005).

Com o intuito de contribuir para que as crianças participassem ativamente das experiências, observando, comparando, analisando situações e solucionando problemas, utilizamos procedimentos individualizados e socializados de ensino (HAYDT, 1999).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Assim, adotamos a aula expositiva quanto ao ensino dos movimentos ginásticos, mas também entramos no universo da criança, utilizando jogos e brincadeiras. Pretendendo a integração e o desenvolvimento afetivo-social entre as crianças, adotamos os trabalhos em grupo, para que as crianças ajudassem umas as outras na realização das atividades e assim realizarem os movimentos de forma mais segura.

Conforme mencionado, o primeiro conteúdo trabalhado foi a ginástica natural cujo foco era a imitação de animais e exploração do espaço (sala de ginástica artística). Abaixo trouxemos um recorte de situação de aula que mostra uma situação inclusiva.

EPISÓDIO 1:

Em uma das aulas de ginástica natural, utilizamos o aparelho *tumble track* para que as crianças explorassem o movimento dos animais e percebessem a diferença entre fazer o movimento no solo e no aparelho. Na imitação do tigre, propomos para as crianças passarem com os olhos fechados para perceberem e sentirem o quanto é difícil não enxergar. O quanto ficamos vulneráveis, dependentes do outro para nos guiar. Cabe destacar que neste momento, João se mostrou muito contente por imitar o tigre de olhos fechados e destacou a dificuldade de direção, precisando do auxílio de um professor. Passado quinze minutos trocamos de aparelho e fomos para o banco sueco. Perguntamos para os alunos como a aranha movimentava-se. Alguns demonstraram em cima do colchão azul, já outros como Joaquim utilizou o próprio banco sueco (Diário de campo 02 – 20/03/2012).



Foto 1: Joaquim, criança com autismo imitando a aranha no banco sueco.

A partir do recorte identificamos duas situações com crianças diferentes, contudo em ambas notamos que ao trazer o conteúdo enfocando o lúdico, as crianças puderam representar os animais, resgatando nas suas experiências, colocando-se no lugar de sujeito de ação, do próprio fazer. Assim, a criança representa o animal, se expressa, utiliza os elementos simbólicos, no contexto lúdico, na brincadeira.

E para Vygotsky (2007) a criança entra em um universo imaginário a fim de que seus desejos possam ser realizados, ou seja, na vida cotidiana a criança não é uma aranha, e não pode ser, mas por meio da brincadeira ela pode realizar sua vontade. Dessa forma, no contexto da ginástica (geral), notamos que é significativo trabalhar com



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

o conteúdo de maneira lúdica, trazendo os elementos infantis principalmente como estratégia pedagógica para avançar na perspectiva da inclusão.

Percebemos que as crianças com deficiência ao realizarem as atividades se sentiram incluídas e pertencentes ao grupo. E as crianças com desenvolvimento típico não apresentaram nenhuma ação excludente, todos se envolviam com as atividades demonstrando prazer e divertimento.

No caso supracitado, Joaquim realizou as atividades nas aulas juntamente com o grupo. Executou os movimentos ginásticos no solo e nos aparelhos demonstrando se empenhar em realizar corretamente o que era proposto. É importante destacar que em um dos momentos de conversa final que realizamos, apesar de não termos diálogos com ele no decorrer das aulas, tendo um comportamento sempre reservado, o mesmo levantou o dedo e se expressou dizendo que a aula havia sido boa para ele. No momento que ele quis participar lhe foi dada à oportunidade. Um novo leque de possibilidades se abriu para nós com essa nova conquista.

À medida que as aulas foram ocorrendo, outra criança já se expressava nos momentos de conversa final e inicial, mas como não possui a linguagem verbal desenvolvida, se expressava por meio dos movimentos, demonstrando o que lhe havia sido mais significativo e sempre levantava o dedo como as outras crianças.

Mas também havia a necessidade de aproximar as outras crianças com deficiência ao grupo da CRIARTE, já que estas demonstravam medo e receio em estar perto das outras crianças autistas que permaneciam nos aparelhos em atendimento individualizado.

EPISÓDIO 2:

Como as crianças da CRIARTE estavam muito retraídas no contato com as crianças com deficiência, principalmente com o Emanuel, durante o planejamento sentimos a necessidade da participação da mãe dele em uma aula, explicando para as crianças sobre a deficiência do filho. No dia em que a mãe compareceu na intervenção para conversar com as crianças, foi um momento marcante, porque houve esclarecimentos a cerca da deficiência e a participação das crianças fazendo perguntas foi fundamental para que elas quebrassem um pouco o preconceito. A forma como a mãe explicou a deficiência do filho foi muito boa para as crianças. Ela começou falando para olharmos nossas mãos e vermos a diferença que um dedo tem do outro e para finalizar sua fala disse que assim somos nós, uns diferentes do outros (Diário de campo 11 –29/05/2012).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141



Foto 2: Mãe do Emanuel em conversa com as crianças.

Inicialmente a mãe ficou um pouco pensativa e resabiada, em como transmitir a informação numa linguagem em que as crianças compreendessem a deficiência do filho, entendessem sobre a diferença. A forma como ela demonstrou para as crianças foi fantástica. No decorrer da conversa, percebemos uma grande participação das crianças, perguntando por que o Emanuel era daquele jeito, o que tinha acontecido com ele, se envolvendo na discussão e quebrando um pouco o preconceito (o desconhecimento do/sobre o caso). Tanto as crianças quanto os adultos/professores/estagiários precisam saber/conhecer sobre a criança que apresenta deficiência presente no grupo. Normalmente, após esse esclarecimento as relações das crianças não deficientes com as crianças com deficiência se alteram positivamente: se tornam mais acolhedoras, causa aproximação. O mesmo pode se falar com relação aos adultos: tornam-se mais sensíveis a situação, menos receosos e ansiosos.

Neste episódio, se observa a importância do diálogo com as crianças a respeito da deficiência, pois, no espaço da ginástica as crianças percebiam que existiam outras no mesmo ambiente e que eram diferentes, mas a maioria teve medo e receio de saber por que elas eram daquele jeito. No final da conversa, a mãe ao comparar os dedos da mão e destacar suas diferenças quanto à forma e tamanho, chamou nossa atenção para o que é ser diferente. E por meio dessa analogia, explicou que assim como os dedos não são iguais, nós também somos diferentes, tendo ou não deficiência. Trouxe o entendimento que cada indivíduo possui limitações e possibilidades de aprendizado e é capaz de conviver com os outros.

Desta forma, percebemos que a participação da mãe do aluno com deficiência na turma inclusiva, e também, junto aos professores/estagiários, contribuiu para o aprendizado de todos sobre a deficiência, ajudando a superar preconceitos, problematizando e promovendo uma participação geral das crianças.

A ação de inclusão desenvolvida nessa atividade pela equipe de trabalho tem deixado marcas importantes para os participantes, sejam as crianças, os familiares e os próprios professores/estagiários, com a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana e a aprendizagem através da cooperação.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi desenvolvido em relação ao relato de experiência, entendemos que a ginástica, e principalmente a ginástica geral nos trouxe amplas possibilidades de envolver a diversidade do público trabalhado atingindo os objetivos sob o ponto de vista da inclusão e desenvolvimento do repertório motor e autonomia de movimentos. Nesse sentido, frente aos desafios encontrados, acreditamos que o tema da cultura corporal — ginástica na educação infantil — somou de maneira significativa com a proposta de inclusão desenvolvida no projeto.

Destacamos alguns elementos que possibilitaram situações inclusivas: 1) o caráter lúdico trazido para as aulas como fator facilitador para a participação/envolvimento das crianças com deficiência nas atividades; 2) a articulação com os pais e/ou responsáveis, trazendo-os para o grupo a fim de apresentar/conversar com as demais crianças sobre a deficiência do filho, esclarecendo-as; 3) os momentos de conversa inicial/final como espaços-tempos para a criança expressar sua compreensão, dúvidas, ressentimentos, sentimentos, desejos, o que lhe foi significativo na aula, etc., sobre as situações experimentadas no processo ensino-aprendizagem, de forma a construir, um sentimento de pertencimento ao grupo.

Além disso, para nós enquanto professores em formação, cada momento foi de grande crescimento. O lado humano envolvido em um trabalho como esse é muito importante e transpõe qualquer inexperiência de nossa parte e nos faz refletir sobre a necessidade de colocar em prática o amor por educar, por planejar e realizar bem o que é de nossa responsabilidade.

Acreditamos que não basta partirmos apenas da lógica da ação, mas devemos envolver a lógica da paixão, assim como Bondía (2002, p. 26) descreve:

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (...) Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele.

Dessa maneira, percebemos que o caminho no qual percorremos nesse semestre no LAEFA nos deixou importantes aprendizados e, assim, podemos entender que o futuro profissional nessa área deve ser como na citação acima, baseada na lógica da paixão, na qual estaremos frente a situações de tristeza, de alegria, de conquistas e derrota, de tempo produtivo e tempo desperdiçado, mas mantendo o pensamento de desenvolver um trabalho significativo com os nossos futuros alunos.

REFERÊNCIAS



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Espanha: Universidade de Barcelona, 2002.

CHICON, J. F. **Inclusão na Educação Física escolar: construindo caminhos.** 2005. 420 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2005.

CHICON, J. F. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: a práxis pedagógica.** Vitória, ES: EDUFES, 2004.

MARCASSA, L. Metodologias do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, 171-186, Jul./Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/94/89a>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

RIVIERE, A. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Col.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3, p. 234-254.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.